

BOLETIM DE INVESTIMENTOS

ECONOMIA EM FEVEREIRO DE 2025

Em fevereiro, a economia dos EUA enfrentou uma escalada histórica da incerteza comercial, com tarifas adicionais de 25% sobre Canadá e México, e 20% sobre a China. As retaliações já anunciadas e o risco de novas medidas aumentaram a possibilidade de uma guerra comercial, sem vencedores claros e com impactos negativos bilaterais.

Os dados de janeiro indicaram uma desaceleração na atividade econômica, influenciada pelo inverno severo e pela crescente incerteza no consumo das empresas e famílias, decorrente das políticas do governo. Gerando uma crescente apreensão em relação à possibilidade de uma recessão autoinduzida. O déficit comercial, que atingiu o maior patamar histórico, foi resultado da antecipação de demanda por importados antes da implementação das novas tarifas. Isso também pesou consideravelmente sobre os modelos de previsão de PIB para o primeiro trimestre.

Enquanto isso, a inflação permaneceu resiliente, com riscos inflacionários em ascensão. Diversas empresas sinalizaram a intenção de repassar os custos adicionais decorrentes das tarifas para os consumidores. As expectativas de inflação dos consumidores começaram a se distanciar da meta de 2%, contudo, as expectativas implícitas nos mercados financeiros permanecem relativamente ancoradas para horizontes mais longos. No mercado de trabalho, a taxa de desemprego continuou estável. Muitas empresas, porém, reduziram as contratações devido à crescente incerteza, enquanto o Departamento de Eficiência do Governo (DOGE) anunciou planos de cortar até 500 mil empregos federais, o que, isoladamente, poderia elevar a taxa de desemprego em até 0,3 ponto percentual. Além disso, o aumento da incerteza também provocou uma reversão nos indicadores qualitativos e de sentimento, que haviam mostrado uma recuperação robusta após o resultado das eleições de novembro.

Em meio a um cenário de crescente risco de estagflação e incerteza elevada sobre a trajetória das políticas públicas, o Federal Reserve segue em uma posição desconfortável. A autoridade monetária optou por manter os juros estáveis por ora, mas sinalizou uma possibilidade de dois cortes em 2025.

No Brasil, o real encerrou o mês pressionado, refletindo a volatilidade global após novos anúncios tarifários dos EUA e as incertezas no cenário doméstico. Pesaram sobre o real o possível ajuste das tarifas recíprocas e a elevação das alíquotas de importação de aço e alumínio para 25% a partir de abril que impactam diretamente a balança comercial Brasil-EUA.

No cenário doméstico pesaram os atrasos na votação da Lei Orçamentária (LOA) de 2025 e na conclusão da regulamentação da reforma tributária do consumo. Além disso, a reforma ministerial trouxe Gleisi Hoffmann para a Secretaria de Relações Institucionais, deslocando Alexandre Padilha para a Saúde e enfraquecendo a articulação política do Ministério da Fazenda no Congresso.

No mais, a queda de 11 pontos na avaliação positiva do presidente Lula, segundo a pesquisa nacional de opinião pública feita pelo Datafolha, reforça o dilema entre disciplina fiscal e estímulos para recuperar popularidade.

ÍNDICES	MÊS	ANO
CDI (ATIVO LIVRE DE RISCO)	0,99%	2,00%
TÍTULOS PÚBLICOS PÓS-FIXADOS (TESOURO SELIC OU LFT)	0,99%	2,11%
IDA-DI (CRÉDITO PRIVADO)	1,29%	2,89%
TÍTULOS PÚBLICOS INDEXADOS À INFLAÇÃO (TESOURO IPCA OU NTN-B)	0,50%	1,58%
TÍTULOS PÚBLICOS PREFIXADOS (TESOURO PREFIXADO NTN-F E LTN)	0,61%	3,20%
IBOVESPA (AÇÕES BRASIL)	-2,64%	2,09%
MSCI WORLD (AÇÕES GLOBAIS)	-0,81%	2,63%
NASDAQ (AÇÕES EUA COM FOCO EM TECNOLOGIA)	-3,97%	-2,40%
S&P 500 (AÇÕES EUA)	-1,42%	1,24%
DÓLAR	0,32%	-5,55%